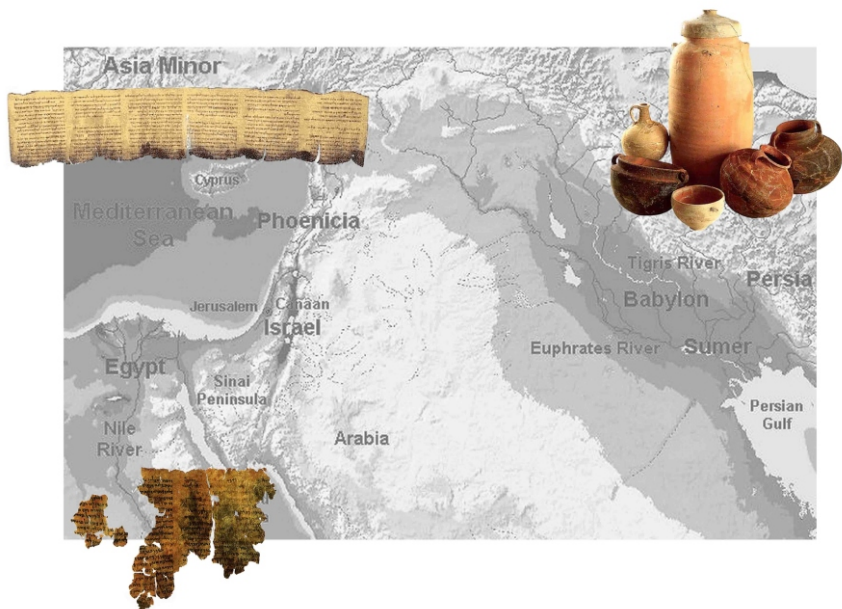


Caderno de Resumos do I Simpósio de Estudos A Bíblia e o Antigo Oriente Próximo

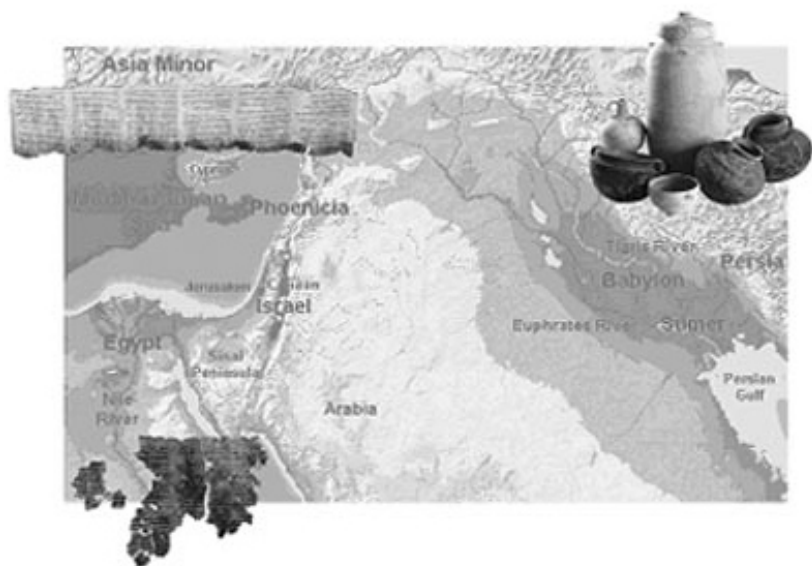


C.E.I.A.
 CENTRO DE ESTUDOS
 INTERDISCIPLINARES
 DA ANTIGUIDADE

uff
 Universidade
 Federal
 Fluminense

Niterói, 21 a 23 de outubro de 2008.

Caderno de Resumos do I Simpósio de Estudos A Bíblia e o Antigo Oriente Próximo



C.E.I.A.
CENTRO DE ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
DA ANTIGUIDADE

UFF
Universidade
Federal
Fluminense

Niterói, 21 a 23 de outubro de 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor: Roberto de Souza Salles

INSTITUTO DE LETRAS

Diretora: Livia Maria de Freitas Rocha

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Chefe: Ida Maria Santos Ferreira Alves

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA

Diretor: Francisco de Assis Palharini

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Chefe: Luiz Carlos Soares

CEIA Centro de Estudos Interdisciplinares da Antigüidade

Coordenadores: Ciro Flamarion Santana Cardoso (História)

Silvia Damasceno (Letras)

I SIMPÓSIO DE ESTUDOS A BÍBLIA E O ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO

ISBN 978-85-62089-00-8

COMISSÃO ORGANIZADORA

Coordenação:

Cláudia Andréa Prata Ferreira (Letras / Hebraico)

Manuel Rolph De Viveiros Cabeceiras (História)

Secretaria:

Fabiane Silva Martins (História)

Comissão de Apoio Docente:

Luis Eduardo Lobianco (História)

Moacir Elias Santos (Arqueologia e História)

Rívia Silveira Fonseca (Letras / Grego e Linguística)

Pedro Paulo Alves dos Santos (Teologia / Letras)

REALIZAÇÃO: CEIA-UFF

Bloco C, sala 310 Campus do Gragoatá São Domingos, Niterói, RJ

Tel.: (21) 2629-2603

[Http://br.geocities.com/ceiauff/](http://br.geocities.com/ceiauff/)

ceiauff@yahoo.com.br

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Fabiane Silva Martins (bia_uerj@yahoo.com.br)

APOIO: Paulinas Livraria

Rua Dr. Borman, 33 - Praça do Rink, Niterói, RJ

Tel.: (21) 2622-1219 / Fax: (21) 2622-9940

E-mail: livniteroi@paulinas.com.br

Índice

Apresentação	05
Conferência 01	07
Mesa redonda 01	08
Mesa redonda 02	09
Mesa redonda 03	10
Mesa redonda 04	11
Conferência 02	12
Mesa redonda 05	12
Mesa redonda 06	13
Mesa redonda 07	15
Programação	18
Agradecimentos	19

CEIA - UFF

APRESENTAÇÃO

Um evento cujo objetivo é o estudo da constituição do texto bíblico e de seu contextualamento no Antigo Oriente Próximo, reunindo biblistas e pesquisadores oriundos da história, da arqueologia, dos estudos lingüísticos e literários em um horizonte interdisciplinar. A forma, um simpósio que proporcionasse um efetivo debate não só entre esses especialistas, mas deles com o público interessado fazendo chegar os estudos acadêmicos desenvolvidos nas universidades e centros de pesquisa a todos os interessados.

A idéia surgiu no bojo das homenagens de um ano pelo falecimento do Prof. Emanuel Bouzon realizadas na PUC-RJ (27/03/2007), onde lecionou, quando a sua biblioteca pessoal foi integrada, como coleção, ao acervo da Biblioteca daquela universidade, disponibilizando aos estudiosos cerca de 1600 títulos concentrados em temas de História, Teologia, Mesopotâmia, Assiriologia e Egptologia, essa é mais uma homenagem a que nós do CEIA-UFF prestamos a quem foi nosso constante colaborador. Já lhe tínhamos dedicado a nossa VIII Jornada de Estudos da Antigüidade em 2006.

Bouzon foi um dos tradutores da *Bíblia de Jerusalém*, vertendo para o português Jeremias e todos os chamados profetas menores, era o nosso maior assiriólogo, fez da sua tradução direta dos originais do *Código de Hammurabi* um marco e sob a sua orientação passaram várias gerações de mesopotamistas brasileiros.

Acrescentam-se a essa inspiração duas balizas. A da UFF, a qual, ao longo das últimas décadas, em torno do Prof. Ciro Flamarion Cardoso, consolidou-se como pólo dos estudos da Antigüidade Próximo-Oriental, configurando aqui o convívio, ímpar nos quadros das universidades brasileiras, mas necessário e frutífero, entre tais estudos e os da Antigüidade Greco-Romana. E a do CEIA, recolhendo essa tradição e somando-a à prática da busca cotidiana da interdisciplinaridade, o que resultou na reunião de profissionais oriundos de diversas áreas e das mais diferentes instituições, sob uma dupla coordenação geral, História e Letras, facultando-nos mais essa originalidade enquanto laboratório.

Com tais responsabilidades, assumidas desde o início da construção do Simpósio, oferecemos ao público o seu resultado preliminar, na pretensão de quem dele participar venha a tirar um real proveito do espaço aqui proporcionado e que almeja ser o primeiro de uma série de simpósios dedicados, como o próprio nome diz, ao estudo da Bíblia e do Antigo Oriente Próximo.

Cláudia Andréa Prata Ferreira

Manuel Rolph De Viveiros Cabecceiras

(Coords. da Comissão Organizadora do I Simpósio “A Bíblia e o Antigo Oriente Próximo”)

CEIA - UFF

Terça-feira, 21 de outubro de 2008

Abertura - Conferência 01:

**TEXTOS SAPIENCIAIS EGÍPCIOS E BÍBLICOS:
PROBLEMAS RELATIVOS A POSSÍVEIS INTERTEXTUALIDADES**

**Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso
(GEEMAAT-CEIA-UFF)**

Que a civilização egípcia, de grande antigüidade, tenha influído em vários aspectos que, de um ponto de vista voluntariamente vago, chamaríamos "culturais" da civilização hebraica da Idade do Ferro, é ponto pacífico. A questão reside na profundidade de tais influências e suas vias de transmissão, um assunto dificultado pela ausência de material textual hebraico que não seja o próprio Antigo Testamento, cuja fixação por escrito, em versões às vezes elaboradamente "costuradas", mesmo no caso dos livros considerados mais antigos, é cada vez considerada mais tardia pelos especialistas. Assim, trabalhamos do lado egípcio com escritos *grosso modo* datáveis em sua geração textual, o que não ocorre, no mesmo grau, do lado hebraico. Outrossim, seria preciso distinguir entre as possíveis influências egípcias e o que se poderia denominar um fundo sapiencial mais geral, próximo-oriental, garantidor por sua vez de semelhanças e *topoi* discursivos. No tocante às influências inegáveis entre os textos sapienciais egípcios e bíblicos, eu diria que, embora existam, são surpreendentemente pouco numerosas as passagens onde tais influências sejam inegáveis. Dado o que agora se sabe sobre o caráter tão tardio da fixação dos textos bíblicos vetero-testamentários, há também a considerar um efeito de telescopagem temporal: quero dizer que, ao se referir aparentemente ao Egito da Idade do Bronze (segundo milênio a.C.), a toponímia, a onomástica e outros detalhes mostram somente o conhecimento, pelos hebreus do primeiro milênio a.C., do Egito tardio do Período Saíta (XXVI dinastia), não de épocas mais antigas. Isto não deixa de ser importante ao se tentar aquilatar as intertextualidades. O método textual rigoroso empregado por James K. Hoffmeier (que usou o seu conhecimento tanto do egípcio quanto do hebraico antigos) para comparar os motivos relacionados com os inimigos e a guerra no antigo Egito e no Antigo Testamento poderia ser aplicado com proveito, creio eu, também aos paralelos sapienciais. É interessante que tal método permitiu achar influências de mão dupla.

Mesa redonda 01:

A 'SEPTUAGINTA' (LXX), A 'TORAH' GREGA DA DIÁSPORA JUDAICO-HELENISTA? RELIGIÃO E CULTO DO JUDAÍSMO NO CONTEXTO HELENÍSTICO DO EGITO PTOLOMAICO (IV SÉC. A. C.)

**Prof. Dr. Pedro Paulo Alves dos Santos
(Archai/UNESA/CEIA-UFF)**

Os estudos mais atuais de 'crítica textual do Novo Testamento' e mesmo a recepção dos Escritos Canônicos, nos primeiros séculos cristãos (SEVRIN, 1989), parecem indicar na 'língua de Japhe' um vasto campo de 'relações' manuscritas com a LXX, tanto lexicais como semânticas (EHRMAN et HOLMES, 1995). Para Marguerite Harl, estas 'relações' teriam sido responsáveis pela formação literária e hermenêutica dos Escritos 'canônicos' (Novo Testamento) e até dos Escritores e Teólogos (Padres) do Cristianismo Primitivo, que ao mesmo tempo criaram seu 'idioma' sob a língua 'koiné' da Torah: A versão da LXX é uma obra de 'tradução', por isso mesmo, pode ser entendida como uma obra de 'interpretação'. Enquanto projeto de tradução do Pentateuco, e posteriormente, de todos os textos hebraicos à disposição, a LXX teria se tornado a 'Torah greco-helenística'. Neste sentido, a versão da LXX constituiu-se numa obra da 'exegese judaica' antiga (SMEND, 1996). Nesta Comunicação iremos abordar esta questão em sua 'dupla face': De um lado, o seu berço. Esta tradução teria emergido como uma 'exigência' da comunidade judaica imersa no Helenismo (PREAUX, 1975), obra dos Judeus de Alexandria, entregue à Biblioteca de Ptolomeu IV, no século III? (VERMES, 1983). Do outro, sua 'fortuna'. Esta tradução percorreu todo o período intertestamentário e depois o período da formação do Cristianismo, sendo ela mesma, versada para diversas línguas antigas, orientais e ocidentais. A tradução da Torah hebraica e depois dos outros livros. Harl denomina a 'fortuna' desta empreitada da comunidade judaica no Egito: '*La Septante Mère de traductions multiples*'.

Mesa redonda 02:

AS BASES RURAIS DO MOVIMENTO DO JESUS HISTÓRICO

Prof. Dr. André Leonardo Chevitaresh
(LHIA-UFRJ / NEE-UNICAMP)

Apesar da escassez de dados e da complexidade das poucas informações históricas advindas da documentação sobre o movimento de pessoas e de idéias que gravitaram em torno de Jesus, é possível admitir, do ponto de vista hipotético, que uma parte significativa desse movimento tivesse fortes raízes campesinas. Implica dizer, os poucos consensos em torno do programa sócio-político e religioso de Jesus para a população judaica da "Palestina", ganharam forte adesão de setores marcadamente associados ao espaço rural da Galiléia.

UMA ALTERNATIVA CRÍTICA AO MODELO DO JESUS CAMPONÊS

Prof. Me. Manuel Rolph Cabeceiras
(CEIA-UFF)

Em relação aos estudos históricos e exegéticos a respeito da figura de Jesus de Nazaré e do movimento por ele liderado na Canaã do Segundo Templo de Jerusalém, a tônica é atribuir-lhes um caráter eminentemente camponês, a partir do qual se estrutura, com nuances, o modelo hoje hegemônico na interpretação desses fenômenos. Todavia uma série de aspectos, não sendo por ele contemplados, exigem a busca de novas explicações mais satisfatórias. É nesse espaço que se constitui, apresentando-se como uma hipótese mais razoável, uma proposta interpretativa nos quadros da cidade antiga.

Quarta-feira, 22 de outubro de 2008

Mesa redonda 03:

O MAR E A TEMPESTADE:
O EMBATE CÔSMICO NA MITOLOGIA DO ORIENTE-PRÓXIMO E NA
BÍBLIA

Prof. Dr. Marcelo Rede
(DH-USP/CEIA-UFF)

O combate entre as forças antagônicas de um deus da tempestade e uma entidade marítima é recorrente em várias narrativas mitológicas da Mesopotâmia, da Síria e do Levante. Nesta comunicação, procuraremos identificar as concepções cosmogônicas comuns a essas várias ocorrências, bem como os elementos particulares a cada uma delas. Também apontaremos as transmutações operadas no mitolôgema quando de sua incorporação no texto bíblico.

YAHWEH A SERVIÇO DO IMPÉRIO: A PÉRSIA E O PADRÃO
CIVILIZATÓRIO DO OCIDENTE

Prof. Dr. Osvaldo Luiz Ribeiro
(FABAT)

As transformações histórico-sociais e político-religiosas por que Judá teria passado entre o final do século VI e o início do século V estariam diretamente relacionadas à novíssima política persa de administração dos povos conquistados. A política persa consistia em substituir o regime de "guerra de deuses" deuses conquistadores *versus* deuses conquistados" pelo regime de cooptação dos deuses locais, o que implicava na instrumentalização da teologia e da religião locais em benefício do império. Nos termos dessa estratégia de conquista ideológica das populações conquistadas, a elaboração de mitos programáticos torna-se fundamental. Antes de se tratar, ideologicamente, de uma política de "liberdade religiosa", trata-se de uma política de controle social de povos conquistados não mais pela força militar, exclusivamente, mas pelo controle ideológico dos conteúdos de fé e rito das populações locais.

Mesa redonda 04:

DAS NARRATIVAS DE JOSÉ E MOISÉS ÀS FONTES EGÍPCIAS:

UM ESTUDO COMPARATIVO

Prof. Doutorando Moacir Elias Santos (GEE-MAAT/ CEIA UFF)

(UNIANDRADE/GEEMAAT-CEIA-UFF)

Os dois primeiros livros da Torá ou Pentateuco, Gênesis e Êxodo, segundo o seu conteúdo, estão diretamente relacionados às origens do mundo e ao princípio da libertação dos judeus. Em cada um destes livros encontramos histórias que se passam, parcialmente, num cenário atribuído à Terra dos Faraós. O primeiro apresenta a saga de José que, vendido pelos irmãos em Dotain, acabou de escravo ao posto de vizir. Em sua nova condição veio a salvar da fome não só o próprio Egito, como a terra de Canaã. Já no segundo, temos a história de Moisés que, uma vez socorrido da morte e criado por uma princesa, acabou por ser escolhido por Iahweh para liderar a saída de seu povo do Egito rumo à Terra Prometida. Em ambas as narrativas encontram-se elementos da cultura egípcia que foram descritos por aqueles que as redigiram, a partir de um conhecimento que lhes era próprio. Assim, neste trabalho objetivamos verificar quais são as temáticas das informações presentes e a extensão e veracidade dos elementos culturais mencionados, comparando-os com os dados da mesma natureza que são provenientes das fontes produzidas pelos egípcios.

NABUCODONOSOR II, NABONIDO E CIRO:

AS REPRESENTAÇÕES BÍBLICAS

Pesq. Lilian de Brito Koplin

(CEIA-UFF)

Pretende-se, neste trabalho, através da análise comparativa de fontes primárias - Bíblia, Crônicas Babilônicas e o Cilindro de Ciro - traçar de forma geral as apropriações, representações e ressignificações acerca de personagens históricos como Nabucodonosor II e Ciro, o Grande dentro do discurso político-religioso judaico do período pós-exílico e a importância destas na construção da memória deste povo acerca do período do exílio na Babilônia.

Conferência 02 :

**A PROFECIA DE JUÍZO DO ANTIGO ISRAEL
NO CONTEXTO DO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO**

**Profa. Dra. Maria de Lourdes C. Lima
(PUC-RJ)**

O estudo procura investigar o tema do juízo na profecia bíblica, levando em consideração textos proféticos de Mari e profecias neo-assírias. Parte-se da pergunta acerca da existência da concepção de juízo divino na profecia israelita e extra-israelita. A análise de textos permitirá uma orientação quanto a esta questão e abrirá a uma comparação entre o profetismo bíblico e extra-bíblico. Por fim, discute-se a função do anúncio de juízo no antigo Israel.

Quinta-feira, 23 de outubro de 2008

Mesa redonda 05:

INSERÇÕES TEXTUAIS NÃO-JUDAICAS NA LITERATURA SAPIENCIAL

**Prof. Dr. Edgard Leite
(UERJ/UNRIO)**

A literatura sapiencial bíblica é aquela que provavelmente apresenta uma maior incidência de elementos textuais não-judaicos, normalmente utilizados como componentes fundamentais na organização de argumentações teológicas. Essa característica revela, além da existência de movimentos diversos de diálogo textual externos ao mundo judaico no período do segundo templo (516 a.e.c - 70 e.c.), a necessidade de recolher elementos conceituais não-judaicos a fim de sustentar críticas de fundo ao projeto sacerdotal e seus princípios, estes delineados de forma geral nos textos legais.

AS INFLUÊNCIAS PERSAS NO JUDAÍSMO PÓS-EXÍLICO

**Prof. Doutorando Dionísio Oliveira Soares
(FABAT)**

Muito se discute acerca do legado da cultura persa no chamado Judaísmo do Segundo Templo, especialmente no período tardio (a partir do II século anterior à Era Comum). A questão que se coloca é em que medida essa cultura teria influenciado o pensamento judaico em geral, principalmente no que tange à sua religião. A presente comunicação tem como tema a tese da influência persa na apocalíptica judaica, tomando por base um extracanônico (*1 Enoque*) e um canônico (o livro de *Daniel*), para verificar em que medida esses textos refletem características da apocalíptica iraniana, bem como a posterior influência no cristianismo das origens, já a partir do legado judaico. Assim sendo, serão cotejados textos da literatura persa, especialmente do Avesta (o livro sagrado do Zoroastrismo), com textos dos livros supracitados, observando também textos da tradição sinótico-cristã do Novo Testamento.

Mesa redonda 06:

TRADIÇÃO ORAL E NARRATIVA BÍBLICA NO JUDAÍSMO ANTIGO

**Profa. Dra. Cláudia Andréa Prata Ferreira
(FL e PPGHC-UFRJ/CEIA-UFF)**

A tradição de Israel, a literatura rabínica e o *Midrash* possibilitam uma compreensão mais ampla de como se formou a tradição oral, proveniente de Jesus, o Evangelho. O conhecimento da tradição judaica torna-se um instrumento necessário para a compreensão do Evangelho de Jesus, porque a pregação desse Evangelho processa-se na continuidade da Tradição de Israel. A literatura rabínica constitui um vasto material que permite não somente melhor conhecimento do meio em que viveram Jesus, Paulo de Tarso e muitos outros, mas também a uma reflexão teológica sobre os laços que unem no Judaísmo e no Cristianismo, Escritura e Tradição.

"O [FILHO DO HOMEM] TAMBÉM SE DECLARARÁ POR ELE DIANTE DOS ANJOS DE DEUS": EM BUSCA DA VERSÃO ORIGINAL DE Q 12:8-9

**Prof. Mestrando Lair Amaro dos Santos Faria
(LHIA/PPGHC/UFRJ)**

A cuidadosa reconstrução acadêmica da fonte utilizada pelos autores dos evangelhos de Mateus e de Lucas o Evangelho *Q* vê-se, freqüentemente, às voltas com dificuldades na resolução de certas discordâncias textuais. Nesse sentido, *Q* 12:8-9 é uma daquelas passagens que suscita intensos debates. Uma das formas empregadas para dirimir as dúvidas sobre essa passagem consiste em recorrer a Mc 8.38 visando definir se a expressão "Filho do Homem" fazia parte de *Q* ou não. Neste trabalho testamos mais uma possibilidade explicativa, ou seja, a de que tenha sido durante o processo de transmissão oral dos ditos de Jesus que as versões divergentes se originaram.

Mesa redonda 07:

**BOA NOVA PARA QUEM? UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE LUCAS
SOBRE O CONFLITO HEBRAÍSTAS *VERSUS* HELENISTAS
A PARTIR DAS NARRATIVAS
DA CONVERSÃO DE PAULO NOS *ATOS DOS APÓSTOLOS***

**Profa. Doutoranda Rívia Silveira Fonseca
(UNICAMP/UNESA/CEIA-UFF)**

Lucas, segundo o seu próprio texto, produziu duas narrativas: a primeira, com o intuito de relatar os atos de Jesus (*Evangelho de Lucas*); e a segunda, com o intuito de narrar os atos daqueles que o próprio Jesus designou para dar continuidade ao que ele havia realizado e ensinado (*Atos dos Apóstolos*). O resultado do conjunto das duas narrativas é um texto, no qual o autor se propõe apresentar a história do surgimento e do desenvolvimento do cristianismo como boa nova para todos os indivíduos, sem qualquer tipo de distinção. Entretanto, uma análise das marcas textuais aponta para a existência de um conflito entre os seguidores de Jesus: havia os hebraístas e os helenistas. E o discurso de Lucas, provavelmente um homem de cultura grego-romana, se mostra favorável ao segundo grupo e contrário ao primeiro. Neste trabalho, para mostrar estes conflitos internos que põem em cheque o discurso de uma religião para todos, analiso, com base nos princípios teórico-metodológicos da Análise de Discurso francesa, as três narrativas sobre a conversão de Paulo, personagem central dos *Atos dos Apóstolos*.

A RELAÇÃO ENTRE GUERRA E CULTO
NO ROLO DA GUERRA DE QUMRAN

**Prof. Dr. Valtair Miranda
(FABAT)**

O Rolo da Guerra de Qumran (1QM) descreve uma guerra entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas que se dará no fim dos tempos. Esta guerra, entretanto, está intensamente envolvida numa estrutura cultural. Essa relação da guerra com o culto indica que a principal preocupação do Rolo, em suas várias fases e versões, não era com as táticas militares, mas com os aspectos rituais e religiosos da guerra. Eram estes que deveriam ser cumpridos a risca para que o membro da comunidade de Qumran viesse a participar da vitória já determinada "segundo os mistérios de Deus". Parece ser esse o motivo que faz com que os sacerdotes e levitas tenham uma maior função no Rolo do que os comandantes militares, ou mesmo o Príncipe da Congregação. Ao transformar a guerra num culto, os soldados teriam o apoio dos anjos no meio deles. O resultado final parece ser um rolo de guerra escatológica que desejava orientar sacerdotes e levitas na participação do conflito final. Seriam eles as peças fundamentais na condução da guerra, de tal forma que seus atos liberariam a ajuda celestial na luta contra os adversários do povo de Deus.

**HERODES MAGNO, CAIFÁS E PÔNCIO PILATOS:
UM ESTUDO DA LIDERANÇA POLÍTICA DA JUDÉIA ROMANA,
NO TEMPO DE JESUS, À LUZ DOS EVANGELHOS E DE FLÁVIO JOSEFO**

**Prof. Dr. Luís Eduardo Lobianco
(LHIA-UFRJ/GEEMAAT- CEIA-UFF)**

Desde o ano 63 a.C., quando Pompeu invadiu o Templo de Jerusalém, Roma iniciou um gradativo e crescente processo de dominação da Judéia. Em 40 a.C., por intervenção de Antônio e Otávio, o Senado nomeou Herodes Magno rei, cargo que efetivamente ocupou de 37 a 4 a.C., e já no período imperial indicou os governantes para esta província: os Prefeitos de 6 a 41 d.C. e os Procuradores de 44 a 66 d.C., ano da eclosão da revolta judaica contra Roma. De 41 a 44 a Judéia foi governada pelo rei Agripa I, neto de Herodes Magno, conduzido ao poder por interferência e apoio do Imperador Claudio. Tendo como recorte cronológico o nascimento e a morte de Jesus de Nazaré, segundo as narrativas evangélicas, portanto de 6 - 4 a.C. à aproximadamente 30 d.C., este trabalho objetiva identificar a estreita aliança política estabelecida entre as lideranças romana e judaica neste período, destacando-se três dirigentes da Judéia: o rei Herodes Magno, o Sumo Sacerdote Caifás e o Prefeito Pôncio Pilatos, analisados a partir de dois *corpora* documentais, nos quais são citados: os *Evangelhos* e a obra do historiador judeu e cidadão romano Flávio Josefo (37 - cerca de 100 d.C.), especificamente em *História da Guerra Judaica contra os Romanos* e *Antigüidades Judaicas*.

PROGRAMAÇÃO

	TERÇA, 21/10	QUARTA, 22/10	QUINTA, 23/10
14:00 às 15:30h	Ciro Flamarion Cardoso (GEE-MAAT-CEIA-UFF) Textos sapienciais egípcios e bíblicos: problemas relativos a possíveis intertextualidades	Marcelo Rede (USP/CEIA-UFF) O mar e a tempestade: o embate cósmico na mitologia do Oriente próximo e na Bíblia Oswaldo Luiz Ribeiro (FABAT) Yahweh e o serviço do império: a persia e o padrão civilizatório do ocidente.	Edgard Leite (UERJ/UNIRIO) Inserções textuais não-judaicas na literatura sapiencial Dionísio Oliveira Soares (FABAT) As influências persas no judaísmo pós-exílico.
15:45 às 17:15h	Pedro Paulo Alves dos Santos (Archa/UNESA/CEIA-UFF) A <i>Septuaginta</i> (LXX) e a <i>Torah</i> grega da diáspora judaico-helenista: religião e culto do judaísmo no contexto helenístico do Egito Ptolomáico. Vilciliane Vaz Mourão (Seminário Paulo VI) A profecia cristã e o ambiente helenístico.	Moacir Elias Santos (UNIANDRADE/GEE-MAAT-CEIA-UFF) Das narrativas de José e Moisés as fontes egípcias: um estudo comparativo. Lilian de Brito Koplin (CEIA-UFF) Nabucodonosor II, Nabonido e Ciro: as representações bíblicas.	Claudia Andréia Prata Ferreira (FL e PPGHC-UFRJ/CEIA-UFF) Tradição oral e narrativa bíblica no judaísmo antigo. Lair Amaro dos Santos Faria (LHIA e PPGHC - UFRJ) "O [Filho do Homem] também se declarará por Ele diante dos anjos de Deus"; em busca da versão original de Q 12:8-9
17:30 às 19:00h +	André Chevitarese (LHIA-UFRJ/NEE-UNICAMP) As bases rurais do movimento do Jesus Histórico. Manuel Rolph Cabeceras (CEIA-UFF) Uma alternativa crítica ao modelo do Jesus camponês.	Maria de Lourdes Correa Lima (PUC-RJ) A profecia de juízo do Antigo Israel no contexto do Antigo Oriente próximo. Manuel Rolph Cabeceras (CEIA-UFF) A profecia de juízo do Antigo Israel no contexto do Antigo Oriente próximo.	Rivka Fonseca (UNICAMP / UNESA / CEIA-UFF) <i>Boa Noite</i> para quem? Um estudo do discurso de Lucas sobre o conflito helenistas versus helenistas a partir das narrativas de conversão de Paulo nos Atos dos Apóstolos Valtair Miranda (FABAT) A relação entre guerra e culto no rolo da Guerra de Qumran Luis Eduardo Lobianco (LHIA-UFF/GEE-MAAT-CEIA-UFF) Herodes Magno, Calístenes e Pôncio Pilatos: um estudo da liderança política da judéia romana no tempo de Jesus à luz dos Evangelhos e de Flávio Josefo.

(* no dia 23, até às 19:30h)

Todas as atividades serão realizadas no auditório Ismael Coutinho, Bloco C, 2º Andar, sala 218, UFF, Campus Gragoatá.

AGRADECIMENTOS

Um evento como o I Simpósio de Estudos sobre a Bíblia e o Antigo Oriente Próximo jamais poderia vir a se realizar sem a intensa colaboração de diversos agentes envolvidos a quem a Comissão Organizadora gostaria de aqui expressar a sua gratidão. Em primeiro lugar aos monitores, alunos dos cursos de Letras e de História aqui da UFF, empenhados nos plantões de inscrição na sala do CEIA, na divulgação presencial e virtual do evento, na montagem do material entregue e no apoio a todos os instantes, promovendo a efetiva resolução de previstos e imprevistos durante também os três dias de realização do simpósio. Cumpre-nos citar: **Alessandra Pinto Antunes do Vale, Diego Moderno Cerqueira, Flávia Villa Real, Inêz Gonçalves dos Santos, Janaína Matta Leal, Letícia Lopes de Rezende Damasco do Rego, Lilian de Brito Koplin, Luíza Maria da Silva Coração, Mariana Figueiredo Virgolino, Patrícia Cardoso Azoubel Zulli, Vanessa Castro.**

Nossa gratidão também à **Lurdinha** da Copa, responsável por fazer chegar, nos intervalos entre as mesas, o café sempre pronto para a ocasião e os biscoitos. No apoio logístico dado ao evento foram fundamentais os funcionários **Thiago e Silmar**, da Secretaria da Faculdade de Letras da UFF, e, do *Lato Sensu* de Letras da UFF, o funcionário **Fabiano** e a Profª **Lívia Lindóia Paes Barreto**, pela agilidade na solução de questões relacionadas à infra-estrutura. Nosso muito obrigado também à **Almira** e Irmã **Roseane** das Paulinas, que se desdobraram no apoio da livraria, e à **Carolina Spork** do Portal de Eventos da UFF. Com certeza o brilho que o evento vir a alcançar muito deve a cada uma dessas pessoas pela colaboração imprescindível que prestaram para a Comissão Organizadora.

Realização:



Apoio:



ISBN 978-85-62089-00-8

